

PROVA: Monólogo

CENA 4: THINK THE TIME IS RIGHT
FOR THE PALACE REVOLUTION

18 de março de 2020 – Eldiario.es: *Protesto às varandas contra o Rei para que o dinheiro colocado em paraísos fiscais seja investido na saúde.*

XULIA

Todos saíram para aplaudir, mas para protestar contra quem rouba ninguém se mexeu. Mas agora saíram para ouvir o que tenho a dizer. Ou ouvirão atrás das suas janelas, dependendo do seu caráter. Porque é isto que penso quando ouço esses aplausos. Não penso em apoio, penso nos cortes.

Eu ouço os aplausos e penso no austericídio.

Penso no desinvestimento nos cuidados primários e ouço os aplausos.

Penso em cada demissão de cada chefe de serviço nos cuidados primários face à precariedade e ouço os aplausos.

Penso na falta de pediatras e ouço os aplausos.

Penso nos processos jurídicos abertos e nas destituições e ouço os aplausos.

Penso em todos os meus contratos assinados num só mês. E os aplausos.

Penso nos 300 mil euros direcionados para a pesquisa da cura para o cancro. E os aplausos. E nos 300 mil euros que recebe o vencedor do *Big Brother*. E nos 300 mil euros que Enrique Iglesias recebeu por um vídeo para promover o turismo aqui, na Galiza.

Aplausos.

Penso nos centros de saúde vazios. Aplausos.

E na assistência por telefone. Aplausos.

E nos hospitais controlados por fundos de investimento.
Aplausos. Aplausos. Aplausos.

Caminhei por entre aplausos sem deixar de pensar em tudo isto que nos está a matar.

Chego à entrada, por entre aplausos, sem parar de pensar em tudo isto que nos está a matar.

Enquanto continuam os aplausos subo as escadas e vejo um bilhete deixado pelos meus vizinhos à porta de minha casa. Diz o bilhete assinado pelos meus vizinhos: “Aplaudimos o teu valioso trabalho, mas pela saúde de todas as pessoas que vivem neste prédio, pedimos que não venhas dormir a tua casa. Pedimos a tua compreensão. Um abraço. Assinado: a vizinhança.”

Os aplausos param de repente porque não consigo pensar em nada, porque não consigo digerir estas palavras. Não consigo digerir as notícias. Não consigo digerir os contratos. Nem os protocolos. Nem as boas práticas. Nem a falta de organização. Nem a falta de proteção adequada. Nem a falta de compreensão. Então só posso vomitar tudo isto e se alguém tivesse o mínimo de vergonha, se alguém tivesse o mais ínfimo sentimento de vergonha, estariam à sua varanda com uma panela na mão a exigir que os 65 milhões de euros que o Rei Juan Carlos I desviou para paraísos fiscais fossem, no mínimo, devolvidos e investidos na saúde pública.

Então olho para a panela e dou-me conta da minha ingenuidade. Olho para a panela e dou-me conta desta revolta, desta raiva mal direcionada neste continente de revoluções enfiado dentro de suas casas. Impotente. Com a única esperança de se salvar sozinho. Olho para a minha panela e para as varandas vazias nas quais ninguém aplaude.

(excerto de *Idus* de Vanesa Sotelo in *Huis-Clos – A Europa entre 4 paredes*)

PROVA: Diálogo

VIII

O POETA E A ACTRIZ

(Um quarto numa hospedaria campestre. Noite de Primavera. A Lua brilha sobre os montes e os prados. As janelas estão abertas. Silêncio profundo.)

(Entram o Poeta e a Actriz; ao entrarem, apaga-se a vela que o Poeta traz na mão.)

POETA: Oh...

ACTRIZ: Que foi?

POETA: A luz... Mas também não precisamos. Olha, está muito claro. Maravilhoso! *(A Actriz deixa-se cair subitamente de joelhos diante da janela de mãos juntas.)* Que tens tu? *(A Actriz cala-se.)* Que estás a fazer?

ACTRIZ *(indignada)*: Não vês que estou a rezar?

POETA: Acreditas em Deus?

ACTRIZ: Claro, não sou nenhuma herege, raisparta!

POETA: Ah, pois.

ACTRIZ: Vá, anda cá, ajoelha-te a meu lado. Também podes rezar, ao menos uma vez. Não te cai nenhuma pérola da coroa. *(O Poeta ajoelha-se a seu lado e abraça-a.)* Devasso! *(Ergue-se.)* Sabes por acaso a quem estou a rezar?

POETA: A Deus, suponho.

ACTRIZ *(muito irónica)*: Pois! Estava a rezar a ti.

POETA: Então porque estavas a olhar pela janela?

ACTRIZ: Preferia que me disseses porque me arrastaste para aqui, seu sedutor!

POETA: Mas, pequerrucha, tu é que tiveste a ideia. Querias vir para o campo — e precisamente para aqui.

ACTRIZ: E então, não tinha razão?

POETA: Claro, isto é encantador. E se pensarmos que só está a duas horas de Viena — e a perfeita solidão. E que bela região!

ACTRIZ: Que tal? Podias poetar muita e desvairada coisa, se por acaso tivesses talento.

POETA: Já estiveste aqui antes?

ACTRIZ: Se já estive aqui antes? Ah! Vivi aqui durante anos!

POETA: Com quem?

ACTRIZ: Com o Fritz, claro.

POETA: Ah, pois!

ACTRIZ: Como eu adorava esse homem!

POETA: Já me contaste.

ACTRIZ: Desculpa — também me posso ir embora, se te estou a chatear!

POETA: Tu, a chatear-me?... Não fazes a mais pequena ideia do que significas para mim... Tu és um mundo em si... És divina, és o génio em pessoa... Tu és... tu és a candura sagrada... A sério, tu... Mas não devias falar no Fritz agora.

ACTRIZ: Foi certamente uma aberração. Pronto!

POETA: É bonito admitires isso.

ACTRIZ: Anda cá, dá-me um beijo! (*O Poeta beija-a.*) Agora vamos dizer boa noite! Passa bem, tesouro!

POETA: Que queres dizer com isso?

ACTRIZ: Ora, vou deitar-me.

POETA: Sim, pronto, mas no respeitante às boas-noites... Onde é que eu vou passar a noite?

ACTRIZ: Com certeza há muitos mais quartos nesta casa.

POETA: Os outros quartos não me excitam. Além disso, talvez seja melhor acender umas luzes aqui, não achas?

ACTRIZ: Sim.

(excerto de *A Ronda* de Arthur Schnitzler)